

O CABELO CRESPO E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ednalva Rodrigues de Oliveira¹
Jaqueline Rodrigues de Oliveira de Araujo²

RESUMO

Este trabalho traz uma proposta de conscientização e aceitação dos cabelos crespos tão presentes nas identidades das crianças na educação infantil, partindo do pressuposto que sendo professora da educação infantil percebo a importância da representação social no espaço em que atuo. Sendo assim, é fundamental pensar na criança que possui o cabelo crespo desenvolvendo práticas inclusivas de aceitação e empoderamento, contribuindo para uma educação antirracista. A pesquisa contará relatos das crianças da educação infantil da rede municipal da Serra no Espírito Santo. Para embasamento da pesquisa será utilizada coletas de dados através de questionários, observações, desenhos das crianças e entrevistas em salão de beleza. O referido estudo corrobora para um processo de construção da identidade de forma positiva, em que crianças na faixa etária de quatro anos de idade já chegam na educação infantil com os cabelos alisados e transformados por processos químicos, outras já tecem comentários que não querem os cabelos crescendo para cima. Nessa perspectiva, o objetivo da pesquisa é contribuir para a desconstrução do discurso que inferioriza os cabelos crespos o que faz necessário literaturas infantis, personagens, brinquedos, teatros, músicas e danças, voltadas para a valorização da identidade negra e dos cabelos crespos.

Palavra chave: Educação Infantil, Criança, Cabelo Crespo, Identidade negra, Representação.

INTRODUÇÃO

A abordagem da presente pesquisa está relacionada com a representação social do cabelo crespo. Reconhecendo a educação infantil como espaço das relações sociais, as crianças a todo tempo estão produzindo cultura, o que nos leva a inquietação de como está sendo a representação social do cabelo crespo na educação infantil como parte integrante da identidade negra. Para Gomes (2002) identidade negra é entendida com uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Objetiva - se analisar que interpretação tem o cabelo crespo na educação infantil? as ferramentas pedagógicas utilizadas pelos docentes em sala de aula têm possibilitado uma interpretação positiva da estética da criança negra?

¹ Pós graduada, Curso de Pedagogia da Faculdade de Rede de Ensino Doctun - ES, ednalvaroliveira@hotmail.com

² Pós graduada, Curso de Pedagogia da Universidade Vila Velha - ES, jackeara@hotmail.com

O cabelo crespo é uma característica fenotípica da criança negra, sendo também um referencial cultural de resistência em uma sociedade padronizada, onde o que se ouve são discursos preconceituosos que o cabelo crespo é conceituado como ruim.

O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, pois representa algo mais, algo distinto de si mesmo. Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida. (GOMES, 2006 p.8)

É fundamental que as crianças cresçam conscientes de que não precisam se enquadrar em padrão nenhum, as crianças são legítimas. Precisamos a todo o momento encontrar novos caminhos de empoderamento das crianças, para que elas cresçam consciente capaz de construir saberes críticos, que habilitem a reagir diante dos padrões que a todo tempo é propagado pela mídia e somos levados a acreditar em estereótipos que não nos representam. Levar a criança aceitar suas características são questões que implica a construção da identidade que para Silva, Hall e Woodward (2014) o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos servindo de fundamento para a identidade. Nessa perspectiva, é fundamental construir uma imagem positiva da criança na valorização do cabelo crespo.

Arroyo (2018) vem afirmando que para essas crianças a construção positiva da identidade corpórea exige um penoso processo de desconstrução de representação inferiorizantes e preconceituosas. Conforme Candau (2012) a diferença impressa pela cor da pele e outros sinais do corpo serviu como argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades de exploração seja na economia, como os processos políticos e sociais.

A normatização da sociedade leva a padrões de beleza que negam a cultura do cabelo crespo, negam a estética corporal da criança negra, incluindo a influência negativa da mídia, contribuindo para a não aceitação do cabelo crespo pela criança já desde pequena. Conforme Oliveira (2006), a família deve desenvolver na criança a interiorização de imagens positivas sobre características como: traços físicos, cor da pele, cabelo, etc. É admissível reconhecer que

ainda há uma longa trajetória para que essa normatização eurocêntrica e ditadura da beleza única sejam desmitificadas. É importante conhecer a história de vida de nossas crianças, faz-se necessário sondar como essas crianças são representadas com seu fenótipo afro brasileiro, como subalternizadas ou empoderadas.

Nesse sentido, o empoderamento deve ser entendido como um processo de transformações nas relações sociais, políticas, culturais e econômicas, onde já se percebe, ainda que de forma lenta lançamentos de produtos voltados para cabelos crespos, ou até mesmo para aqueles cabelos que estão em transição, onde que por muito tempo o que se predominava eram produtos para cabelos normais, e o que seria esses cabelos normais? Seriam os lisos, os aceitos pela sociedade e os que estavam fora desse padrão seria os anormais? Desse modo, percebe-se grupos e movimentos sociais, eventos, constituindo por mulheres com páginas e sites ensinando tutoriais de como cuidar da beleza negra e dos cabelos crespos, ou até mesmo optando cada vez mais pelos os cabelos naturais, valorizando assim a identidade.

Para Gomes (2002) “Existem em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita em que sua referência é seu cabelo e seu corpo. Um deles é a escola.” Sendo assim, questionamos como está sendo representada socialmente a criança que tem seu cabelo crespo na educação infantil? Visto que essa representação pela criança é expressa através de seu cabelo crespo, para Stuart Hall (2014), a representação é sempre marca ou traço visível exterior, é como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido, como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.

Moscovici (2003) vem afirmar que as representações sociais são históricas na sua essência e influenciam o desenvolvimento do indivíduo desde a primeira infância. Haja vista, que a concepção que se tem da criança é de sujeito com direito, inteligente, criativo, crítico, questionadora que confronta a realidade, produzindo mudanças transformando seu entorno, é uma atribuição dada ao desempenho da criança fazendo uma descrição de sujeito de ação, que tem a capacidade de transformar a realidade.

Atenção às relações que estabelecem com as crianças que inúmeras vezes tende a deixar marcas estereotipadas em seus corpos. No atual momento a afirmação da identidade, o desejo de empoderar-se e assumir o cabelo crespo tem sido cada vez mais forte admitindo-o diante do preconceito que no espaço escolar, se manifesta e fortalece as diversas formas de discriminação:

étnica, racial, gênero, classe, cultura, entre outras. Para Munanga e Gomes (2016), o preconceito é um julgamento negativo e prévio que os membros de uma raça, de uma etnia, de um grupo, de uma religião ou mesmo de indivíduos constroem em relação ao outro.

Reconhecer o cabelo crespo como traço identitário positivo é fazer menção a beleza negra, e muitas famílias incentivam suas crianças a serem empoderadas. A esse respeito Candau (2012), vem dizer os afro-brasileiros protagonizam suas próprias histórias e, enquanto leitores têm a possibilidade de ver sua imagem refletida positivamente, fortalecendo suas construções identitárias. Dessa forma, a criança com seu cabelo crespo pode representar-se de maneira positiva, valorizando seus aspectos étnico-raciais, suas marcas fenotípicas, significativos de sua cultura, seus elementos estéticos especialmente o cabelo.

Gomes (2002) destacar a existência de uma positividade, a busca da beleza por meio da manipulação do cabelo destacando-se como uma virtualidade histórica e atuante, e por se tratar da criança um sujeito de direito, esta questão merece ser trabalhada na formação de professores quando se pretende visibilizar a identidade da criança negra, partindo do cabelo crespo. Para Cavalleiro (2017), o reconhecimento positivo das diferenças étnicas deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida.

A educação Infantil é o espaço das interações sociais em que as crianças constantemente precisam estar em contato com referenciais culturais as quais estão inseridas com o intuito de promover valorização da autoestima e identidade étnica das crianças negras e não negras, é um espaço onde ela deve ser vista, ouvida e inclusa. Para Marques e Wachs (2015), aquilo que é vivido pelas crianças na educação infantil tende a deixar marcas em suas ideias e sentimentos, em suas ações e interações, contribuindo para que assumam ou não compromisso com a mudança social. Podemos constatar através dos relatos dos sujeitos da pesquisa, como foram as vivências durante a infância no contexto familiar e educacional, de quem tem o cabelo crespo.

Na minha família éramos dez irmãos, todos tinham o cabelo bem crespo, falávamos que era bem agarradinho no couro cabeludo. Minha mãe fazia tranças naqueles cabelos e ficávamos a semana toda com os cabelos trançados, nos finais de semana ela lavava e penteava com muito carinho. Na escola sofriamos muito com o tipo do nosso cabelo, eu chorava muito minha vontade era de raspar o cabelo, mas minha mãe sempre dizia que ninguém é igual a ninguém, que não era para ligar para aquela situação. (Nádia)

A normatização da sociedade leva a padrões de beleza que negam a cultura do cabelo crespo. Podemos verificar o quanto o processo discriminatório está também presente em sala de aula.

No período da minha adolescência começaram a surgir alguns apelidos que eu não gostava brincadeiras de mau gosto, passei a conviver com pessoas diferentes e com pensamentos diferentes dos meus, pessoas que me criticava por eu ter cabelo crespo, e até, mesmo pelo meu tom de pele. Em um belo dia na sala de aula os professores começaram a fazer projetos e trabalhos sobre preconceito, foi onde começaram a me aceitar do jeito que eu era, passei por momentos desagradáveis e hoje eu vejo o quanto é importante trabalhar a identidade com as nossas crianças. (Cristiane)

Nessa perspectiva, é fundamental abortar no contexto da educação infantil, projetos com temática étnico – racial, para que as crianças tenham uma melhor aceitação de si e dos outros, são visíveis práticas preconceituosas nesse espaço em que crianças com tenra idade já se mostram com opiniões próprias de negação da identidade. Conforme Cavalheiro (2017), as crianças da pré-escolas, além de já se darem conta das diferenças étnicas, percebem também o tratamento diferenciado destinado a elas pelos adultos a sua volta.

Vou falar da minha filha Isabel Vitória, ela é negra do cabelo cacheado e quando estava com três anos de idade ela me falou que não queria mais o cabelo dela, eu perguntei o motivo e me assustei com a resposta, ela disse que não queria porque era feio, foi bem difícil convence-la ao contrário. Nas ruas eu escuto alguns preconceitos do tipo... Nossa que cabelo lindo, mas não seria melhor usar preso ou alisar, ou fazer trança. As pessoas acham que o cabelo crespo por ser volumoso tem que usar preso ou trançado, eu acho isso um absurdo, as pessoas tem que ser livres para usar o cabelo do jeito que se sentir bem, não é a cor da pele que define qual tipo de cabelo que eu preciso ter. (Karlla, mãe de Isabel Vitória, 5 anos)

Nota – se nos relatos acima a manifestação do preconceito impressa pela cor da pele e do cabelo crespo acarretando experiências traumáticas, quando o assunto é a cor da pele e a textura do cabelo vem associados a diversos significados pejorativos referindo-se as diferenças fenotípicas. No campo simbólico brasileiro, as marcas fenotípicas das pessoas constituem um corpo social, a partir do qual são produzidos discursos e sentidos. (CAPRINI, 2016).

CABELO CRESPO E A LITERATURA INFANTIL

Geralmente presenciamos crianças na faixa etária de três a cinco anos chegando à educação infantil com os cabelos modificados quimicamente como forma de não aceitação de suas raízes. Investigar o cabelo crespo na educação infantil relacionando-o a identidade da criança é interessante sondar de que forma a representação social acontece com uma visão de aceitação e valorização da criança com seus traços físicos e seu cabelo crespo. Relaciona-se então a essa questão a proposta pedagógica, que deve contemplar as características pessoais da criança, na qual educar e cuidar da imagem implica no bem-estar, e valorização da criança afrodescendente na educação infantil.

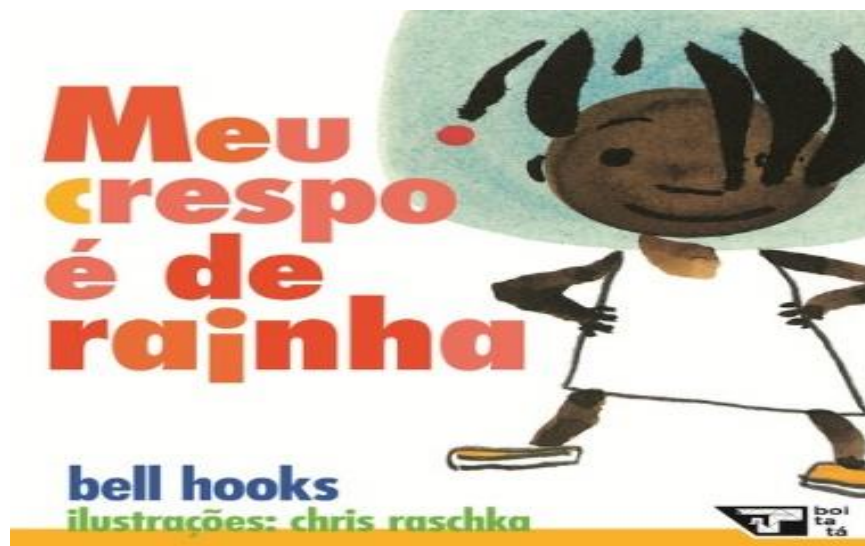


Figura 1: apresentação cultural no centro municipal de educação infantil na Serra.

Diante da diversidade existente na educação infantil, a estética da criança é de suma importância ser visível positivamente ao olhar de todos os profissionais da instituição. Sendo assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), vem afirmando que a proposta pedagógica deve prevê o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação.

Abordar a cultura africana em sala de aula promove conhecimentos, compartilha histórias e experiências, visto que, todos esses aprendizados contribuem para a dignidade da criança como pessoa humana, e ao mesmo tempo desperta a criticidade da criança para se proteger contra qualquer forma de violência física e simbólica existente na sociedade. A

literatura afro-brasileira precisa ser conhecida e reconhecida com suas riquezas e significados, zelando para que a abordagem não venha reproduzir estereótipos.



Nessa perspectiva, o livro: “Meu crespo e de rainha”, da autora Bell Hooks e ilustradora Chris Raschka, vem valorizando a estrutura e a qualidade do cabelo crespo, com uma linguagem simples e lúdica, de tal maneira que as crianças da educação infantil possam entender e vivenciar a história como protagonista. Sendo um recurso fundamental para a desconstrução de estereótipos elevando a autoestima das crianças, como retratado no texto a seguir:

“Menininha do cabelo lindo e de cheiro doce, macio como algodão, pétala de flor ondulada e fofo, cheio de chamego e de aconchego. Uma tiara, uma coroa, cobrindo a cabeça cheia de estilo!

Pode ser moicano pro alto ou jogado pra baixo, amarrado com pompom, cortado bem curtinho ou livre, leve e solto ao sabor do vento!”

Cabelo pra pentear, cabelo pra enfeitar, pra enrolar e trançar ou deixar como está. Cabelo tão sedoso, tão gosto de brincar!”

O livro aborda o contexto das crianças com a diversidade de penteados como: moicano, tranças, coquinhos, birotos, garfados, turbantes e tiaras. Além de outros referenciais corporais com o objetivo de afirmar o fenótipo afro – brasileiro. Infelizmente ainda está desconhecido por muitos profissionais da educação infantil, recursos pedagógicos que abordam relações étnico raciais que tenham significados para as crianças visando à construção do conhecimento.

A literatura infantil é fundamental para a aprendizagem da leitura e escrita, pois a contação de história contribui para a formação de leitores críticos capazes de inventar e reinventar as histórias através do imaginário. Segundo Candau (2012) a literatura infantil é um espaço plural, aglutinador de várias leituras e análises, local privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos e, desse modo, fonte que pode colaborar para a enunciação ou para o apagamento, para a valorização ou subalternização das identidades. A autora vem afirmar que:

A literatura pode levar a criança a olhar o mundo por diferentes perspectivas, possibilitando que entre em contato com as diversas formas de pensar de escrever e, principalmente, de existir. A literatura permite viajar sem sair do lugar, levar o leitor a um lugar que, concretamente, lhe é totalmente desconhecido podendo, ao menos temporariamente, se desfazer do seu olhar cultural e contextual para olhar sob outra ótica. (CANDAU, 2012, p. 231 e 232)

A criança pode olhar para os livros e reconhecer que existem elementos específicos da sua raça, etnia, cor e vivenciar um sentimento de prazer e grande satisfação. Para Silva (2010), a criança ao ouvir histórias das condições de expandir seu conhecimento, desenvolvendo a linguagem oral e escrita. É fundamental as crianças entrarem em contato com diversas literaturas se posicionando no lugar de protagonistas, possibilitando uma nova narrativa da história. Desta forma, a contação da história traz uma estratégia de aproximação da identidade negra, a autoestima das crianças e a valorização das diferenças através do cabelo crespo.



Figura 2 e 3: contação de história afro brasileira na educação infantil.

Para Bento (2011) durante a educação infantil, as crianças começam a perceber as diferenças e semelhanças entre os participantes de seu grupo, a reconhecer próprias características e potencialidades e, dependendo dos recursos afetivos e sociais que lhe forem oferecidos, esse processo pode ser mais positivo ou mais negativo para a constituição de sua identidade. Faria e Salles afirma que:

A identidade da criança se constitui nas relações que estabelecem com a diversidade de sujeitos, nos diferentes espaços, em contato com diversificadas manifestações culturais que fazem parte de seu contexto de origem. Essas vão se ampliando, ao longo do seu processo de desenvolvimento/aprendizagem, na relação dialética entre os fatores biológicos e culturais, ou seja, as crianças na vivência de experiências significativas, vão construindo suas funções mentais superiores, que determinam novas maneiras de inserirem mundo, à medida em que estão em contato permanente com a cultura, mediadas pelas múltiplas linguagens. (FARIA, SALLES, 2012, p. 83)

Nesse sentido, as crianças quando chegam à educação infantil já trazem as marcas de sua história e cultura e que, em contato com outras histórias, de sujeitos próximos e distantes vão se constituindo e afirmando sua subjetividade. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), vem pontuando que é importante apoiar as crianças desde de cedo em suas experiências na educação infantil, fortalecendo sua autoestima, seu interesse e curiosidade pelo conhecimento do mundo, com diferentes linguagens na aceitação e acolhimentos das diferenças.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de base etnográfica, pois considera a construção de significados enfatizando a interação social, a observação e participação do pesquisador. Como afirma André (1997), é primordial para entender e descrever o universo da pesquisa o participante fazer uso da observação, descrever, compor registros, analisar documento, fazer uso de gravações. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo geral: analisar a representação social do cabelo crespo na educação infantil como parte integrante da identidade negra, os objetivos específicos: contribuir para a desconstrução do discurso que inferioriza os cabelos crespos, colaborar com o reconhecimento das diferenças étnicas, valorizar a identidade negra incluindo na prática

pedagógica apresentações, dramatizações, brinquedos, brincadeiras e literaturas infantis com personagens que representam positivamente a estética afro brasileira.

O estudo é continuidade de temas já trabalhados em atividades e projetos pedagógicos voltados para o conhecimento e reconhecimento da cultura africana e afro brasileira, a contação da história aconteceu mediante ao projeto institucional “Escola que acolhe é escola que transforma” e está em desenvolvimento.

Foi utilizada na abordagem da pesquisa fundamentação teórica de autores que tange a relações étnico raciais e educação os seguintes autores: Munanga e Gomes (2016), Gomes (2002), Oliveira (2003), Oliveira (2006), Cavalheiro (2017), Candau (2012), Wachs e Marques (2015), Silva, Hall e Woodward (2014).

RESULTADO E DISCUSSÃO

A presente pesquisa traz uma análise do cabelo crespo na educação infantil, partindo do público alvo às crianças da pré-escola. Haja vista, que foi observado falas discriminatórias entre às crianças, o que resultou na investigação. Para isso, o espaço da pesquisa aconteceu em um centro municipal infantil que a autora leciona há seis anos, por ser tratar de um vínculo mais próximo com as crianças e a comunidade.

A instituição atende crianças de três a cinco anos de idade. Analisando o projeto político pedagógico da instituição cujo o período corresponde aos anos de 2013 a 2019, especialmente o que tange a educação para as relações étnicas raciais a instituição tem proposta de projeto institucional permanente que abrange a cultura afro brasileira com o tema: relações étnicas – raciais e diversidade: Griot. Para Lopes (2004), o Griot é um termo do vocabulário africano, criado na época colonial, para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes às quais, em geral, está a serviço.

Conforme Hambate Bâ (2010), O Griô é um contador de história, um antropólogo, um memorialista, um músico, poeta, um intermediador de conflitos, enfim, é um guardião, divulgador e interprete da memória e da cultura de um povo. Pensando na diversidade das

populações oriunda de vários municípios e estados que compõem as famílias das crianças que frequentam a instituição cada um com a suas histórias e costumes.

É relevante abordar as questões étnicas tão presente no cotidiano das crianças, visto que, estão inseridas no contexto cultural afro brasileiro que compõem o município da Serra. Nessa perspectiva, a contação de história aconteceu com o total de sessenta crianças, com idade de quatro e cinco, por se tratarem de serem grupos em que as diversidades étnicas são percebidas e sentidas entre as crianças. Ao passar dos dias foi possível ouvir das crianças falas do tipo: cabelo diferente, cabelo legal, cabelo para cima é bonito, cabelo com tranças, cabelos com coques, direcionando a compreensão que eles estiveram do livro. Apresento as produções da história feito pelas crianças sobre o livro: “O meu crespo é de Rainha”, da autora Bell Hooks e ilustradora Chris Raschka.





Analisando o instituto de tratamento de cabelo afro em um Shopping frequentado por uma clientela média alta, situado na cidade de Vila Velha, no Espírito Santo, em roda de conversa foi possível entrevistar as profissionais do salão sobre a clientela infantil que frequenta aquele espaço de beleza, foi observado que a idade das crianças que já fazem uso de relaxamento capilar varia de três a doze anos, um dos questionamento foi o motivo da criança na idade de três anos ir ao salão para alisar o cabelo, as resposta foram diversas: a demora de pentear o cabelo crespo, a discriminação no ambiente escolar, cabelo crespo exige mais tempo para ser cuidado e a maioria das mães tem a maior parte do tempo no trabalho o que dificulta o tempo para cuidar dos cabelos das crianças.

É realizado caravanas de outros municípios para o tratamento neste salão principalmente nas férias escolares, é o período de maior frequência das crianças, dentre as crianças há brancas e negras, meninas e meninos. Foi observado linha de produto infantil próprio do salão além de um espaço com decoração atraente para o público infantil, conteúdo imobiliários adaptados e recurso televisivo que chama a atenção das crianças enquanto aguardam a vez de serem atendidas e servindo como distração enquanto o cabelo crespo passa pela transformação química.

Foi entrevistado outro salão especializado em tratamento de cabelo afro, situado no município de Vitória, no Espírito Santo, onde a clientela que frequenta são moradores da própria comunidade, foi observado durante a entrevista a predominância de pessoas negras aguardando o atendimento. A faixa etária das crianças atendidas que fazem uso da transformação química é também a partir dos três anos de idade, sendo que a maioria das crianças atendidas nesse salão

são meninas negras, a justificativa da ida ao salão é a dificuldade da família em cuidar do cabelo crespo.

Por se tratar de ser um salão simples não havia um espaço decorado próprio para o público infantil. Nos dois salões pesquisados foram relatados a responsabilidade das famílias em autorizar o tratamento químico. O cabelo crespo nesse contexto é um incômodo pelas próprias famílias, resultando a não aceitação do cabelo pela criança, visto com estereótipos de cabelo ruim, sujo, feio, relaxados e despenteados. São estereótipos que as crianças ouvem na infância e revela marcas profundas que se estende a vida adulta, impossibilitando até mesmo uma posição social pela discriminação.

Conforme a entrevista, as crianças frequentam os salões por incentivo das famílias por verem dificuldades em cuidar e pentear os cabelos crespos. É relevante estudo para a temática do cabelo crespo, pois através de conversas informais com as crianças e professoras, foi possível observar o quanto é preciso um trabalho sistematizado com intencionalidade que contemple a estética das crianças negras com seu cabelo crespo. Para isso, requer estratégias e recursos pedagógicos livres de preconceitos raciais e que vão ao encontro dos contextos culturais das crianças, incluindo formação inicial e continuada de professores que venha realmente favorecer novas práticas pedagógicas e olhares humanizado para a questões raciais. Munanga considera que:

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência da diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. (MUNANGA, 2005, p.15)

A implementação da Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro – Brasileira e africana no currículo da educação básica, sendo um marco histórico e fundamental para repensar nas mudanças de comportamentos e mentalidades dos profissionais da educação, priorizando os diálogos com os diferentes sujeitos que compõem os espaços da instituição de ensino. A citada Lei trouxe desafios no campo educacional desde a formação inicial e continuada de professores, a ressignificação do currículo, materiais didáticos,

entre outras ações que priorizam o reconhecimento e valorização das identidades e diferenças que compõem o espaço educacional.

Para Caprini (2016) rever o currículo constitui – se uma necessidade de ressignificar a prática existente que tece a trama do trabalho docente, como liberta-lo das estruturas reguladoras do sistema e apropriá-lo no contexto de respeito as identidades culturais e da escola? O trabalho com a diversidade cultural requer um olhar especial dos professores no sentido de acompanhar as crianças com suas dificuldades e capacidades. Gomes (2007) vem trazendo a indagação: será que existe sensibilidade para a diversidade na educação infantil? A diversidade é apenas uma preocupação de um grupo de professores (as), ou já alcançou um lugar de destaque nos currículos.

A diversidade pode ser compreendida como construção histórica, cultural, e social das diferenças, abordar práticas que contribuem para diversidade por meio do jogo de faz de conta, brinquedos, brincadeiras, literaturas, bonecos com diferentes etnias e características, são ferramentas essenciais para a aceitação das diferenças. Nessa perspectiva, possibilita a inclusão de todos, independente de raça, cor, gênero, credo, ou de apresentar algum tipo de deficiência.

Conforme, o Plano Nacional de Implementação da Lei de nº 10.639/2003, vem mencionar que:

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade, para a construção da inteligência e para a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover à eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação racial. Isso faz com que as crianças, desde muito pequenas compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais para a história e a cultura brasileira. (BRASIL, MEC, 2003, p 48 e 49)

A educação infantil é um espaço onde as crianças encontram novos coletivos e narrativas, é por meio das interações e relações sociais que se constrói conhecimento, valores, representações e identidades. As crianças desde muito cedo entram em contato com discursos que inferiorizam, sendo assim, as infâncias devem ser percebidas como movimentos dinâmicos, em que os sujeitos interagem e se constituem nos (com) textos que estabelecem seus diálogos.

Nesse sentido, acredito que seja fundamental potencializar a construção da afirmação da identidade racial na educação infantil, como forma de trabalhar desde a infância a representação social do cabelo crespo, assim como, as diferenças étnicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questiono de que modo a proposta pedagógica tem proporcionado as crianças diferentes experiências com a estética afro-brasileira? o que se percebe na educação infantil é que realmente precisa de um trabalho intenso para a construção de uma educação antirracista que contemple a estética das crianças negras, com representatividade e referenciais positivos da sua cultura, pois abordar cabelo crespo é uma ato político de resistência ao padrão de beleza imposto pela sociedade, em que ainda, o cabelo liso é dito como o perfeito.

O papel do professor da Educação Infantil é fundamental na realização de práticas pedagógicas que ampliar o universo sociocultural no qual o educar e o cuidar não omitam as identidades fenotípicas das crianças. Diante da diversidade existente na educação infantil, a estética da criança é de suma importância ser visível positivamente ao olhar de todos os profissionais da instituição. Abordar a cultura africana em sala de aula promove conhecimentos, compartilha histórias e experiências, visto que, todos esses aprendizados contribuem para a dignidade da criança como pessoa humana, e ao mesmo tempo desperta a criticidade da criança para se proteger contra qualquer forma de violência física e simbólica.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana/** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília : MEC, SECADI, 2013. 104 p.

_____, Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2010.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil. São Paulo: CEERT, 2011. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/633>. Acesso várias ocasiões de 2019.

CANDAU, Maria Vera (org.). **Didática crítica intercultural: aproximações.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2012.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim (org.). **Educação e diversidade étnico – racial**. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial. 2016.

CAVALHEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto. 2017.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de.; Salles Fátima. **Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar**.